

QUEM SE LEMBRA DA COPA 2014?

Marcas e repercussões
do acontecimento

[Organizadores]

Vera Veiga França
Renné Oliveira França

1ª edição
2018



PPGCOM • UFMG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q3 Quem se lembra da Copa 2014? Marcas e repercussões do acontecimento / Organizadores Vera Veiga França, Renné Oliveira França. – Belo Horizonte (MG) : PPGCOM UFMG, 2018.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-54944-11-7

1. Comunicação social. 2. Copa do Mundo (Futebol) – 2014. I. França, Vera Veiga. II. França, Renné Oliveira. III. Título.

CDD - 796.334668

CRÉDITOS DO E-BOOK © PPGCOM UFMG, 2018.

PROJETO GRÁFICO
Bruno Menezes A. Guimarães
Bruno Guimarães Martins

DIAGRAMAÇÃO
Bruno Menezes A. Guimarães

CAPA
Bruno Menezes A. Guimarães
Licença atribuída: <https://br.freepik.com/>

CAPÍTULO 3

Antes do acontecimento: às vésperas da Copa

VERA VEIGA FRANÇA

UMA DAS CARACTERÍSTICAS de um acontecimento é sua imprevisibilidade: ele irrompe onde menos se espera, quebra a normalidade do cotidiano e desorganiza a sequência natural das coisas. No entanto, sabemos que existem acontecimentos programados e esperados – e que nem por isto deixam de sê-lo. Um casamento ou um nascimento, para ficarmos em exemplos de ordem pessoal, ou um eleição, num plano social, têm claramente uma natureza acontecimental. E ainda que programados, ao acontecer, eles o fazem fora de nosso controle, e abrem possibilidades impensadas.

Assim é a Copa (ou foi a Copa) de 2014 – um evento cuja realização foi ansiosamente disputada pelo Brasil, e para a qual o país veio se preparando nos últimos anos. Um evento claramente inscrito no nosso calendário público, submetido a uma organização severa tanto por parte do comitê organizador local como por parte da Fifa. No entanto, sua programação exaustiva não garantia o controle daquilo que iria acontecer, nem dentro nem fora do campo; não eliminava uma grande margem de imprevisibilidade na sua realização, inscrevendo-o – por sua importância, pela interrupção que ele promoveu na vida e no dia a dia dos brasileiros, e pela impossibilidade de controlar aquilo

que ele iria se tornar – na clara categoria de acontecimento. Um dos grandes acontecimentos de 2014 (um ano que estava marcado para viver intensas emoções).

Mas não se trata aqui de falar da imprevisibilidade da Copa no seu desenrolar – nem de lembrar que um acontecimento provoca ecos (continua acontecendo) para muito além de seu encerramento formal. O foco, nesta reflexão, se dirige para o “antes” do acontecimento, e para o sentimento que veio provocando nos últimos meses a mais do que esperada Copa de 2014 – a Copa das Copas.

Há oito anos, quando “ganhamos” a realização da Copa do Mundo de Futebol, o sentimento foi de júbilo e comemoração. Éramos o país do futebol – nada mais justo e desejado que sediarmos mais uma copa do mundo (e pudéssemos brilhar em casa...) Os anos se passaram, os trabalhos se arrastaram; sobrevieram atrasos e dúvidas sobre a finalização de importantes obras de infraestrutura; houve denúncias de superfaturamentos e construções mal feitas. Além disto, a ingerência e prepotência da Fifa alteraram profundamente as atitudes e estado de humor de grande parte da sociedade brasileira, gerando sentimentos de hostilidade e repúdio. Estes sentimentos ganharam forma e força nas manifestações que eclodiram em junho de 2013, por ocasião da Copa das Confederações. As “jornadas de junho” e manifestações pontuais que vieram acontecendo desde então modificaram completamente o cenário e o script da nossa Copa. Como resultado, assistimos, nos meses que a antecederam, a uma dinâmica invertida: o acontecimento começando a acontecer (e a afetar) antes de sua realização.

Evidentemente, todo evento programado exige investimentos e gera expectativas – seja para sua realização, seja para contestá-lo. Não é deste planejamento prévio que estamos falando, e nem deste público mais diretamente envolvido em promover ou combater a Copa, mas sim da reação prévia – e generalizada - dos indivíduos comuns *àquilo que poderia acontecer*. A chegada dos estrangeiros, a realização dos jogos começou a ser “sentida” por nós, brasileiro/as, com antecipação. E sentida sob a forma de apreensão. O (suposto) orgulho por sediar a Copa, e o entusiasmo ufanista com nossa seleção foram substituídos pelo temor.

Não apenas em comentários (críticos) postados nas redes sociais, mas sobretudo na conversa miúda do dia-a-dia, o tom era de contenção e receio: “o que será que vai acontecer?” As tradicionais opiniões sobre a escalação da seleção e o desempenho dos jogadores foram substituídas pelo ceticismo:

“ah, esta Copa... Sei não!” De tal maneira que o primeiro semestre de 2014, e particularmente os meses de abril-maio foram vividos não apenas “esperando a Copa”, mas sobretudo “sofrendo a Copa” por antecedência.

Como registrado acima, expectativas e tensões são naturais em vésperas de grandes eventos; o que se quer destacar aqui é que um “possível fracasso” de nossa Copa foi vivido com muita intensidade por antecipação – e este fracasso não se referia propriamente ao desempenho da seleção brasileira em campo, mas às condições do Brasil para sediar evento de tal envergadura.

É este estado de espírito (ou de opinião) da sociedade brasileira que deve suscitar nossa reflexão. Vários elementos se somam para explicá-lo. O primeiro deles é, sem dúvida, a avalanche de coberturas críticas da mídia quanto ao andamento dos preparativos para a Copa; a leitura dos jornais e comentários em torno da preparação para o evento (na imprensa brasileira, mas também internacional) nos mostra um cenário sombrio, em que tudo apontava para o pior. Creditar tudo, porém, à cobertura midiática é atribuir-lhe um poder de manipulação e ingerência muito grande – como se os meios de comunicação pudessem nos impor o que pensar para além de nós mesmos e de nossa experiência, nossa própria percepção, reiterando a equação onipotência da mídia / passividade do cidadão. Não é esta a nossa concepção.

Um outro aspecto presente neste quadro analisado diz respeito à nossa auto-imagem, ao sentimento de identidade, ao lugar que, a partir de um quadro de referências partilhado (construído coletivamente - e sobre o qual, individualmente, não temos controle), atribuímos a nós, enquanto comunidade. Na nossa auto-imagem pesaria, em vários momentos, um sentimento de descrédito e impotência – e que teve sua expressão no comentário do ex-jogador Ronaldo, membro do comitê organizador da Copa, de que “estava envergonhado” do Brasil que iria receber a Copa (comentário que recebeu grande repercussão – seja de repúdio ou de adesão – em torno do que foi chamado “complexo de vira-latas” do brasileiro).

Não se pode negligenciar ainda a crítica política à realização da Copa, que tomou corpo, sobretudo, com as manifestações (jornadas de junho e movimentos “não vai ter copa”), e se espalhou pela sociedade, na forma de denúncia aos imensos gastos na Copa, contrastados sobretudo com demandas urgentes do país na construção de infraestrutura social.¹ Já a oposição ao governo viu

1. Os números exatos e a informação precisa sobre as obras de infraestrutura perdeu terreno para as especulações e informações parciais, quando não distorcidas sobre os empreendimentos da Copa.

a oportunidade de vincular a fragilidade na organização da Copa à incompetência da administração central.

Certamente, nenhum desses aspectos responde, sozinho, por essa postura reticente da sociedade no “antes do acontecimento” e, com certeza, em conjunto, eles atuaram todos no mesmo sentido e criaram o gatilho necessário para desmobilizar o entusiasmo pela Copa e cercar de inquietações a sua realização. Porém talvez haja ainda algo mais. Se colocarmos em dúvida o poder da mídia para impor nossa leitura da realidade; se rejeitarmos ou minimizarmos a tese do complexo de menos-valia; se percebermos as manifestações mais como mobilizadoras que desmobilizadoras; se nos dermos conta de que as investidas da oposição foram contraditórias e de eficácia relativa, iremos perceber que falta uma “cola” para aglutinar tais elementos dispersos.

Esta lacuna explicativa nos impele a ampliar nossa visada compreensiva, e perceber que talvez estejamos assistindo a uma mudança na forma da sociedade brasileira olhar para si mesma – não na direção do sentimento de impotência, mas numa dinâmica de maior amadurecimento. Aceitamos por muito tempo os estereótipos do “país do futebol”, da festa, do jeitinho. As novas experiências, os avanços e reveses dos últimos tempos – e nisto as manifestações tiveram um papel preponderante – inauguram, senão novos tempos, quem sabe, um país que começa a se ver diferentemente.

Então, talvez esse “antes do acontecimento” seja muito mais do que uma reação ao nefasto cenário tecido pela mídia, e seja ele mesmo um outro acontecimento. Um país menos oba-oba, que não espera alegremente que as coisas se arranjem, mas um país mais consciente de si e de suas carências. Se for isto, o “depois da Copa” pode trazer surpresas.